

Discursos governamentais para o enfrentamento do coronavírus: uma análise dos *ethé* de João Doria e de Jair Bolsonaro

*Bruna Colatino de Souza*¹
*Ana Carolina Gonçalves Reis*²
*Débora Carneiro Zuin*³
*Pollyanna J. Fernandes Maia Reis*⁴

Resumo: No atual cenário pandêmico do coronavírus, os governantes têm proferido discursos para expor as medidas sociais e econômicas delineadas para o enfrentamento de consequências da doença. Tendo isso em vista, o presente trabalho objetiva analisar os *ethé* construídos por dois políticos brasileiros – João Doria e Jair Bolsonaro – em discursos oficiais, proferidos no mesmo dia, cujo tema tratado foi a COVID-19. Partimos de hipótese de que os *ethé* construídos por esses políticos evidenciarão uma divergência de posicionamentos já demarcada por determinados veículos da imprensa brasileira. Nosso aporte teórico abrangeu os estudos de Charaudeau (2008), segundo o qual os sujeitos, ao interagirem nos diversos atos linguageiros, estabelecem determinadas imagens de si, com base nas imagens que atribuem aos seus destinatários. Valemo-nos também dos estudos sobre o *ethos* propostos por Amossy (2018), para quem o orador mobiliza imagens de si em seu discurso para autenticar o argumento apresentado. A partir da análise empreendida, foi possível averiguar como o Doria e o Bolsonaro delineiam as imagens de: legitimidade, credibilidade, aproximação, dentre outras. Nossa hipótese de pesquisa foi refutada, posto que evidenciamos uma convergência nos *ethé* instaurados e, também, nas estratégias discursivas utilizadas.

Palavras chave: Discurso político. Coronavírus. *Ethos*.

¹ Discente do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Viçosa (UFV); bacharelanda em Secretariado Executivo Trilíngue. E-mail: bruna.colatino@ufv.br

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente na Universidade Federal de Viçosa - UFV. E-mail: carolinareis@ufv.br

³ Doutora em Estudos Organizacionais pela University of Edinburgh, Escócia. Docente na Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: dzuin@ufv.br

⁴ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - Campus Ouro Preto. E-mail: pollyanna.fernandes@ifmg.edu.br

Introdução

No atual cenário pandêmico do coronavírus, os governantes têm discursado para apresentar as medidas sociais e econômicas delineadas para o enfrentamento de consequências da doença. Segundo Charaudeau (2008), ao discursar, o político, na qualidade de enunciador, procura projetar determinadas imagens, ou seja, determinados *ethé*⁵, de modo a se construir digno de crédito perante seus governados.

Governadores e o Presidente da República são demandados a se manifestar, nesse contexto, seja para apresentar dados/informações à população, seja comunicar providências. Na tarde de 24 de março de 2020, particularmente, o Governador do estado de São Paulo – maior estado brasileiro –, João Doria, em uma coletiva de imprensa, discorreu sobre transparência no combate à pandemia, cooperação entre os governadores, papel da imprensa e da ciência na situação pandêmica. À noite, nessa mesma data, o Presidente Jair Bolsonaro, em pronunciamento oficial, manifestou-se sobre o fechamento das escolas e dos comércios, sobre as orientações dos órgãos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde e sobre as ações dos governadores na determinação da quarentena.

Chamou-nos a atenção os referidos discursos, dado um histórico de aproximação/distanciamento apontado pela imprensa em relação a esses dois chefes de Estado. Isso porque, em 2018, ao notar a popularidade do então candidato à presidência Jair Bolsonaro, João Doria buscou um alinhamento de posições. Na oportunidade, cunhou inclusive o termo *BolsoDoria*⁶ para mostrar seu apoio a Bolsonaro. Em meio à pandemia, entretanto, sua posição discursiva parece mudar: Doria, em entrevistas coletivas diárias,

⁵ Neste trabalho, consideramos uma aproximação entre os termos *imagens* e *ethos*. Segundo Amossy (2018), as imagens são comumente construídas quando o locutor pretende atribuir, considerando a imagem que seu interlocutor lhe confere, uma identidade de si e do outro. Já a noção do *ethos* evocaria aquilo que o sujeito falante mostra de si mesmo ("eu sou isso").

⁶ Dobradinha 'Bolsodoria' impulsiona vitória de tucano no governo de SP. Informação disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/dobradinha-bolsodoria-impulsiona-vitoria-de-tucano-no-governo-de-sp.shtml>> Acesso em: 01 nov.2020.

questiona as decisões e a postura do presidente diante da crise do coronavírus.

Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é identificar as estratégias discursivas de ambos governantes em seus discursos proferidos no mesmo dia (24 de março de 2020), de modo a averiguar e comparar os *ethé* delineados por João Doria e Jair Bolsonaro junto a seus destinatários idealizados. Nossa hipótese inicial é a de que os *ethé* construídos por esses políticos evidenciarão uma divergência de posicionamentos já demarcada por determinados veículos da imprensa brasileira.

A Teoria Semiolinguística do Discurso

Para Patrick Charaudeau (2009), um ato de linguagem configura-se como um fenômeno que pressupõe uma intencionalidade da instância de produção discursiva, esta, então, definida como a que enuncia em determinada situação de comunicação.

A interpretação do ato de linguagem encontra-se entre a sua configuração verbal e entre o jogo que o sujeito interpretante estabelece entre esta e seu sentido implícito. Segundo Charaudeau (2009, p. 24), o interpretante cria hipóteses sobre o enunciador, seus pontos de vista em relação aos seus enunciados; e também seus pontos de vista em relação ao seu destinatário.

Isso quer dizer que, de acordo com o autor citado, os discursos inscrevem-se em circunstâncias, vistas como saberes supostos a respeito do mundo (práticas sociais) e saberes supostos sobre os pontos de vista recíprocos dos protagonistas (construtores de sentido). Esses saberes correspondem à dupla dimensão entre o explícito e o implícito do fenômeno linguageiro, de modo que, então, o processo de produção e o processo de interpretação do ato de linguagem não seriam simétricos. Para o autor, assim sendo, o objetivo comunicacional só

é atingido quando há a coincidência de interpretação entre o destinatário idealizado e o sujeito que efetivamente lê e compreende o projeto de fala de um determinado locutor. Convém pontuar, contudo, que, na perspectiva de Machado (2014, p. 112), haveria uma espécie de sintonia discursiva, o que a leva a sustentar que seria difícil alcançar um ambiente em que existiria, de fato, uma situação comunicativa em que houvesse total coincidência entre os parceiros da linguagem.

Dessa maneira, sob o ponto de vista de Charaudeau (2009, p. 44), o ato de linguagem deve ser visto como um encontro dialético entre o processo de produção, no qual um EU-comunicante (Euc) dirige-se a um TU-destinatário (Tud) que ele acredita ser ideal ao seu propósito languageiro, e o processo de interpretação, em que TU-interpretante (Tui) acaba por descobrir-se como uma nova imagem do outro EU-enunciador (Eue), sujeito falante suposto pelo TU-interpretante (Tui).

Para Charaudeau (2009, p. 52), o ato de linguagem é uma encenação, cujos sujeitos são representados em um circuito da fala configurada (espaço interno) e em um circuito externo à fala configurada (espaço externo). O circuito da fala configurada é onde se encontram os seres de fala (EUE e TUD), relacionados às representações languageiras das práticas sociais. Já o circuito externo à fala configurada é onde se encontram a imagem do EUC com o TUI, conforme um saber ligado ao “real” (psicossocial).

Ainda para o pesquisador, o ato de linguagem depende de um contrato de comunicação, um contrato de reconhecimento das condições de realização da troca languageira, que seleciona os protagonistas da linguagem em sujeitos agentes e sujeitos de fala (CHARAUDEAU, 2009, p. 61). A noção de contrato, segundo o autor, está diretamente relacionada ao gênero do discurso, que se constitui, pois, como um espaço de restrições e de manobras (estratégias). No entendimento de Charaudeau (2010, p. 11), a noção de gênero considera aspectos externos (sociais) e internos (linguísticos).

Os gêneros discursivos coletiva de imprensa e pronunciamento oficial

Segundo Charaudeau (2010b), os gêneros seriam tipos de enunciados que apresentam certa estabilidade em sua composição (logo, classificáveis) e, ao mesmo tempo, certa liberdade de uso, a depender das intenções de uma dada troca languageira. Nesse sentido, mais que marcas formais concernentes à configuração do gênero, este se inscreve em uma ancoragem social do discurso e nas atividades languageiras instituídas. Conforme preconiza o autor:

[...] me mantenho nessa terminologia de três níveis que tem o mérito de ser clara: o nível do contrato global de comunicação com suas variantes, os dados situacionais que dão instruções discursivas específicas ao sujeito falante; o nível discursivo em seus distintos modos de organização, em função dos dados situacionais e de suas instruções; as formas textuais com suas marcas gramaticais e lexicais, cujas recorrências formais testemunham das regularidades da configuração textual que correspondem às instruções discursivas. (CHARAUDEAU, 2010b, n.p.)

Dessa forma, o gênero é determinado, no nível situacional, pelas restrições discursivas, de modo que no nível discursivo é que o sujeito encontrará uma “margem de manobra” para construir seu projeto de fala.

No que concerne ao nível discursivo, Charaudeau (2009) define os Modos de Organização do Discurso (MOD) como princípios de organização da matéria linguística. São eles: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Considerando nosso objetivo para este estudo, destacamos os modos enunciativo e argumentativo. O modo enunciativo aponta a posição discursiva do locutor em relação ao interlocutor (comportamento alocutivo), ao seu próprio ponto de vista (elocutivo) e a outros discursos (delocutiva, marcada por um afastamento do locutor em relação ao dito). O modo enunciativo intervém e comanda os outros modos. O modo argumentativo, por sua vez, possibilita a persuasão do locutor sobre o interlocutor tendo em vista uma triangulação que envolve: um sujeito argumentante, uma proposição sobre o mundo e um sujeito alvo. Os MOD podem ser percebidos em diferentes

gêneros discursivos, de forma que em um determinado gênero podem ser observados um ou mais modos.

Dadas essas considerações, podemos assim compreender como os gêneros se configuram neste trabalho. A coletiva de imprensa é um evento midiático em que uma figura pública – no caso do nosso estudo, o político – reúne um grupo de jornalistas no intento de passar alguma informação, respondendo a perguntas específicas que lhe são dirigidas.

Como caracteriza Coutinho (2010, p. 65), em uma coletiva de imprensa, a assessoria do entrevistado convida os jornalistas para a divulgação de determinado assunto, podendo ser agendada, inclusive, com o propósito único de responder a questionamentos dos entrevistadores. Passadori e Assad (2009, p. 60), por sua vez, ponderam que, na coletiva de imprensa, o entrevistado se coloca à disposição de vários jornalistas, de diversos veículos e formatos midiáticos, podendo ser tanto gravada para rádio como filmada para TV, com possibilidades de declarações registradas para a imprensa escrita também.

Cumpre-nos destacar que, no estudo que propomos, um dos discursos analisados, o do Governador João Doria, é caracterizado como uma coletiva de imprensa; entretanto, no trecho por nós analisado, há que se ressaltar, não há troca de turnos de fala entre o Governador e os jornalistas⁷. Assim sendo, a coletiva objeto desta pesquisa⁸ refere-se a uma entrevista (agendada com horário e local pré-definidos) concedida pelo Governador do estado de São Paulo, João Doria (PSDB), para tratar das ações tomadas para o enfrentamento do novo coronavírus. Tal coletiva contou com transmissão ao vivo pela TV Cultura, pelas redes sociais do Governador e por canais oficiais do Governo de SP, a partir das 12h30, no dia 24 de março de 2020.

⁷ A entrevista completa pode ser acessada pelo site YouTube, que traz, inclusive, os momentos de troca entre os falantes (jornalistas e entrevistado). Informação disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IKtxD22ulPU&t=930s>> Acesso em: 11 jul. 2020.

⁸ Escutou-se o pronunciamento do Governador João Doria dos seguintes minutos: 10:12 a 14:46. O excerto desse exato momento ocorreu porque o vídeo de Doria trata-se de uma gravação on-line, disponível no perfil oficial do Governo do Estado de São Paulo. Ele tem início aos 7:10 minutos, quando Doria faz uma breve apresentação sobre o assunto que irá ser tratado ao decorrer da coletiva.

O outro discurso de que nos valem para investigação neste trabalho é um pronunciamento oficial do então Presidente da República, Jair Bolsonaro. Tal pronunciamento, que também teve como pauta o coronavírus, foi transmitido em rede nacional de rádio e televisão durante o horário nobre, a partir das 20h30, no dia 24 de março de 2020. Nele, o Presidente da República Jair Bolsonaro (sem partido) discorreu a respeito de posicionamentos do Governo Federal sobre medidas adotadas no contexto da pandemia.

Segundo Leal (2015, p.1), o pronunciamento oficial é um ato comunicativo constituído de textos escritos, normalmente produzidos pelos assessores de imprensa ou pelos profissionais de relações públicas do político, em coautoria com este. Ainda de acordo com o autor, é assim que os representantes do povo criam e renovam vínculos com o eleitorado, buscando disseminar suas políticas governamentais, suas metas administrativas, suas preocupações com a nação e suas expectativas para o futuro. Sua elaboração leva em consideração também o local em que o pronunciamento será proferido.

Podemos dizer que, para além de estabelecerem uma comunicação entre os governantes e os governados, os discursos de figuras políticas intentam, também, a projeção de determinadas imagens de si, ou seja, de determinados *ethé*. Dito de outra forma, tanto no caso da coletiva de imprensa como no do pronunciamento oficial, os políticos buscarão se construir como dignos de crédito. Segundo Charaudeau (2008), em tese, um indivíduo pode ser julgado digno de crédito quando é possível evidenciar se o que é dito por ele corresponde ao que ele pensa e se ele demonstra que tem meios de executar o que “promete”/diz.

Ethos

Conforme Maingueneau (2008), o *ethos* consiste em dar uma boa impressão por meio do discurso. Refere-se a mostrar uma imagem de si capaz de convencer o público. Embora seja associado ao locutor, na medida em que ele é a fonte da enunciação, é do exterior que o

ethos caracteriza esse locutor.

R. Barthes precisa: “São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para dar uma boa impressão (...) O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: eu sou isto aqui, não aquilo lá” (1970:212). A eficácia do *ethos* reside no fato de ele se imiscuir em qualquer enunciação sem ser explicitamente enunciado. (MAINGUENEAU, 2008, p.13)

Ainda de acordo com o pesquisador, na elaboração do *ethos*, os índices sobre os quais se apoia o interpretante vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual. O *ethos* se elabora por meio de uma percepção da afetividade do interpretante, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente.

Segundo Amossy (2018, p. 79), na retórica antiga, denomina-se *ethos* a imagem que o orador constrói de si em seu discurso com o intuito de autenticar o seu argumento. Como aponta a teórica, para conferir a si um *status* capaz de legitimar o seu argumento, o enunciador deve estar imerso em uma cena de enunciação, de modo que cada gênero de discurso admite uma distribuição prévia de papéis.

Assim é que, segundo a autora, se configura o *ethos* prévio, elaborado com base no papel que o orador exerce no espaço social e também com base nas imagens prévias que circulam sobre sua pessoa.

No entendimento de Amossy (2018, p. 93), o *ethos* é tributário de um imaginário social. Portanto, considera a imagem que se atribui, em um momento preciso, à pessoa do locutor ou ao seu *status*. É importante levar em conta a imagem que se faz da categoria social, profissional, étnica, dentre outras do locutor; a imagem singular de um indivíduo que circula no momento da troca argumentativa e a possibilidade de imagens diferentes do mesmo locutor serem instituídas, segundo o auditório visado (AMOSSY, 2018, p. 94).

Tratando especificamente do *ethos* do político, Charaudeau (2008) propõe duas categorias para estudá-los: os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação. Com relação à credibilidade, para o semiolinguista, esta deve satisfazer algumas condições: a sinceridade, relacionada a dizer a verdade; a performance, concernente a poder aplicar aquilo que se

promete; e a eficácia, relativa a possuir meios para realizar o que é prometido. Com relação à identificação, esta está relacionada às imagens que o locutor busca projetar para se mostrar próximo do interlocutor, participe de sua realidade, o que poderá contribuir para que pareça digno de crédito. Em nossas análises, pretendemos abordar estas e outras imagens projetadas pelos políticos estudados.

O Discurso Político

Segundo Charaudeau (2009, p.58), o discurso político (DP) é um jogo polêmico que utiliza constantemente acordos e estratégias para convencer ou seduzir o outro. O discurso situa-se em todas as dimensões dos fenômenos políticos. Isso soa evidente para as dimensões morais e jurídicas, mas também para as dimensões sociais e acionais. De acordo com Charaudeau (2006), o discurso político não tem sentido fora da ação, e a ação busca, para todo sujeito, o exercício de um poder.

Para Charaudeau (2010a, n.p.), o DP tem como atividades constitutivas a persuasão e a sedução, considerando que, em regimes democráticos, é importante que se conquiste o poder ou que ele seja condicionado com a aceitação popular.

Ainda de acordo conforme o teórico, há formas de dramatização, no discurso político, susceptíveis de tocar o afeto do público. Uma das formas é assim descrita: 1) estigmatizar uma situação social da qual o cidadão é a primeira vítima; 2) dizer qual é a fonte dessa situação; e 3) anunciar qual solução pode ser proposta e quem pode ser o “salvador”. Assim, há condições que exigem que os valores sejam apresentados de acordo com um cenário dramático que possa afetar o público, seja para aderir ao projeto que se defende, seja para dissuadi-lo de seguir um projeto adverso.

Também conforme defende o semiolinguista, o populismo participa das estratégias

persuasivas de todo discurso político. Consiste em capturar o público em nome de valores simbólicos, tocando a razão e a paixão, lidando com eles em excesso (para provocar emoção em detrimento da razão política) e levando ao extremo a dramatização do cenário por meio de: exacerbação de uma crise, denúncia de culpados, exaltação de valores e aparência de “um salvador”. Segundo o autor, a *solução* consiste em propor medidas para reparar o mal existente e, ao mesmo tempo, fortalecer a imagem daquele que se apresenta como o homem forte (um *ethos* de potência e de chefe, pode-se dizer) e de *salvador* da nação.

Nesse contexto, os pronunciamentos tomam características particulares, possibilitando destacar tanto os participantes que compõem a instância política como aqueles que compõem a instância adversária, além daqueles que constituem as instâncias midiática e cidadã.

Metodologia

Tendo em vista os objetivos traçados para este estudo, a pesquisa por nós desenvolvida caracterizou-se como de natureza qualitativa. Segundo Minayo (2007, p. 22), a pesquisa qualitativa responde a questões que possibilitam compreender os significados além do agir, ao pensar sobre atos e ao interpretar ações a partir realidade vivida e partilhada com um conjunto de indivíduos. De acordo com Gil (2002, p. 133), a pesquisa qualitativa leva em conta as influências do meio social, de modo que podem-se obter diferentes resultados em investigações com objetos de estudos semelhantes.

Esta pesquisa se configura também, em termos metodológicos, como uma pesquisa descritiva. Conforme esclarecem Marconi e Lakatos (2013, p. 20), as pesquisas descritivas

intentam descrever uma situação mediante um estudo realizado em determinado espaço-tempo. Sobre esse aspecto, Gil (2008, p. 34) destaca que esse método de pesquisa propicia levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população.

Com base nessas ponderações, nossa pesquisa partiu de uma seleção do objeto de estudo: dois discursos realizados no mesmo dia, 24 de março de 2020, um por João Doria e outro por Jair Bolsonaro, abordando o tema COVID-19. Dado que nosso intento foi comparar a projeção dos *ethé* de ambos os políticos no contexto pandêmico, procedemos a um recorte em que o tempo de fala de cada um fosse o mesmo – aproximadamente, cinco minutos. Os discursos, uma coletiva de imprensa e um pronunciamento oficial, foram acessados no *site Youtube* no dia onze de julho de 2020, quando também procedemos à transcrição dos atos languageiros.

Uma vez delineado o *corpus*, iniciamos a pesquisa bibliográfica para respaldar teoricamente e metodologicamente nossas discussões. Partimos, assim, dos pressupostos da Teoria Semiollingüística do Discurso de Patrick Charaudeau e de recentes abordagens sobre o *ethos*. Segundo elucida Charaudeau (2009, p. 44), o trabalho com a Semiollingüística considera o ato languageiro em uma situação de comunicação específica, na qual os sujeitos se colocam como produtores e receptores de discursos organizados em gêneros discursivos. No entendimento de Mendes *apud* Reis (2012, p. 37), tais sujeitos construirão discursivamente determinadas imagens de si – determinados *ethé* – com o intuito de autenticarem seus argumentos e de se apresentarem como dignos de crédito.

Tomando a transcrição dos discursos elencados para investigação e o aporte teórico construído para o estudo, procedeu-se à identificação dos sujeitos em interação para posterior análise dos *ethé* projetados. Dessa forma, foi possível observar quais os *ethé* delineados por Doria e por Bolsonaro e em que medida convergiam ou se contrapunham.

Análise retórico-discursiva: os *ethé* de João Doria e de Jair Bolsonaro

Para procedermos à análise, entendemos ser pertinente, inicialmente, delinear os sujeitos envolvidos nos respectivos atos languageiros. Segundo Charaudeau (2008), o sujeito falante espera que os contratos propostos ao sujeito interpretante sejam compreendidos, ao mesmo tempo em que as estratégias adotadas produzam os efeitos desejados.

Assim, como anteriormente dito, valemo-nos dos discursos que foram produzidos e recebidos pelos seus interlocutores dentro de um mesmo contexto sociocultural. No caso do discurso do Governador João Doria, podemos dizer que o EUc seria o governador do estado, uma instância compósita que abarcaria os gestores políticos no âmbito estadual, incluindo o próprio João Doria. Esse EUc projeta um EUe João Doria, que é quem enuncia o ato languageiro. O EUe, por sua vez, constrói um TUd, um destinatário idealizado, imaginado para sua mensagem. Podemos depreender como TUd os cidadãos paulistas, preocupados com as consequências da COVID-19, assim como os investidores de capital privado no estado e a imprensa (seu interlocutor imediato, já que apresentará perguntas ao EUc). O TUi, por fim, são as pessoas que efetivamente assistiram à ou ouviram a coletiva de imprensa.

No que refere ao pronunciamento de Presidente Jair Bolsonaro, por sua vez, o EUc também se trataria de uma instância compósita, a qual abrangeria o próprio presidente, seus ministros, secretários e demais envolvidos na gestão do governo federal. O EUe projetado seria o presidente; já o TUd, seriam os cidadãos brasileiros, os empresários da iniciativa privada e a imprensa. É importante destacar que, dada a configuração do gênero pronunciamento oficial, em que não há trocas de turnos de fala, a imprensa nesse caso não se configura como um interlocutor imediato do EUe. O TUi, por fim, são as pessoas que, de fato, assistiram ao ou ouviram o pronunciamento.

Como *ethé* delineados a partir da investigação dos discursos de João Doria e de Jair Bolsonaro, tomemos inicialmente o *ethos* de legitimidade. De acordo com Charaudeau (2008),

a posição social do EUC é um fator determinante para a legitimidade de um discurso, já que, conforme pontua o autor, a legitimidade é o resultado de um reconhecimento, pelos outros, daquilo que dá poder a alguém de fazer ou dizer em nome de um estatuto: ser reconhecido em função de uma posição, no caso do político, institucional. Tem-se, portanto, um atributo que antecede a situação de comunicação em questão. Sobre esse aspecto, o semiolinguista traça uma importante diferença entre esse conceito e o de credibilidade. Esta, para ele, é resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante com o intuito de levar os interlocutores a julgarem-no digno de crédito. Trata-se, assim, de um *poder fazer*.

É mobilizando, pois, a legitimidade conferida pelo "direito do sujeito de dizer ou de fazer" (CHARAUDEAU, 2008, p.67) que o Governador do Estado de São Paulo e o Presidente da República procedem a seus discursos: as autoridades institucionais conferidas pelos respectivos cargos ocupados asseguram os estatutos de locutores políticos eleitos.

Enfocando-nos na coletiva do Governador João Doria, é possível depreendermos a construção do *ethos* de credibilidade, notadamente, relacionada ao atributo de uma (auto)competência, no trecho em que o Governador afirma, no tocante ao enfrentamento da COVID-19: o "Estado trabalha para reduzir os impactos dessa crise de saúde e econômica" (DORIA, 2020). Nesse sentido, o político atribui a si a imagem de um governador ativo, ou seja, de um governador que planeja medidas com vistas à redução dos efeitos da doença no que concerne, há que se destacar, não só ao bem-estar físico (do cidadão), como também à estabilidade financeira (da iniciativa privada, inferimos). É curioso observar que Doria estrategicamente emprega o termo "Estado" como sinônimo de "Governo". Há que se ressaltar que o Estado abarca toda a sociedade política, incluindo o governo. Este, por seu turno, diz respeito ao grupo político que está no comando do Estado. Assim o fazendo, podemos depreender que o Governador projeta as imagens de poder e de autoridade.

Outro *ethos* que identificamos na fala do Governador é o de "responsabilidade". Doria afirma que o Estado tem "consciência e respeito pelas informações disponibilizadas pelo

centro de contingência da COVID-19" (DORIA, 2020), o que nos leva a compreender que as fontes das suas informações são seguras. Assim, ao respaldar suas ações/seu discurso em tais informações, ele busca atribuir a si as imagens de criterioso e de confiável.

Em outro momento, Doria diz que:

São Paulo tem consciência e respeito pelas informações que são provenientes deste centro de contingência do COVID-19, agora sobre a direção da Dra. Helena Sato e também as informações que são processadas por um grupo de trabalho com vinte e dois profissionais da consultoria da Deloitte ao lado daqueles que são responsáveis pela área econômica e a área de saúde do estado de São Paulo. (DORIA, 2020).

Ao buscar mostrar que escolhera uma equipe com habilidade para a execução de ações, com experiência e com aptidão para garantir a eficácia de medidas que possam minimizar os impactos da COVID-19, o governador projeta de si as imagens de “competente”, “confiável”, “criterioso” e “rigoroso”. É importante observar que Doria menciona o nome de uma médica, a Dra. Helena Sato, figura com experiência médica na atuação em “eventos adversos, estudos de soroconversão, vacina contra febre amarela, BCG e vacina contra rubéola⁹”. É curioso destacar que, mesmo que o TUi nada saiba sobre essa pessoa, o emprego de “Dra.” pelo EUE objetiva o reconhecimento de um estatuto social, logo, a atribuição de uma dada competência (médica) a Helena. Os mesmos *ethé* são mobilizados pelo governador para projetar de si uma autoimagem de eficiência e de eficácia no que diz respeito à “saúde financeira” do Estado. Nesse ponto, identifica-se um direcionamento de seu discurso, inclusive, para um TUD específico: a iniciativa privada.

Um outro momento do discurso de Doria em que entendemos o direcionamento de seu ato linguageiro ao TUD iniciativa privada seria quando enuncia, com relação a dois executivos: “São dois exemplos de dignidade, de hombridade, de solidariedade e de humanidade. [...] os nossos cumprimentos e eu espero que outros dirigentes empresariais, outros empresários de São Paulo sigam este mesmo exemplo.” (DORIA, 2020). Nesse

⁹ Currículo Dra. Helena Keico Sato, atual Diretora Técnica da Divisão de Imunização do CVE. Informação disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/1725031/helena-keico-sato>> Acesso em: 30 jul. 2020.

aspecto, cumpre ressaltar que os termos empregados pelo Governador, usualmente, são utilizados no tocante a qualidades pessoais. Dessa forma, ao valer-se desses atributos de carga valorativa estimada como positiva em nossa sociedade, Doria faz um elogio aos empresários que não demitiram funcionários no período pandêmico. Ele se vale, assim, de uma estratégia de captação¹⁰ (CHARAUDEAU, 2008) com relação a esse TUD. Podemos dizer que, nesse ponto, o Governador busca assegurar o apoio dos investidores de iniciativa privada a seu governo e, ao mesmo tempo, estimulá-la a manter os empregos para os cidadãos paulistanos (que não teriam, pois, seu vínculo empregatício ou a sua renda afetados).

Tomemos outro trecho:

Quero aproveitar para recomendar às pessoas que estão nos assistindo, nos ouvindo ou que estarão lendo e acompanhando ao longo dos dias essa coletiva de imprensa, acompanhem as informações sobre a crise do coronavírus através de meios de imprensa. (DORIA, 2020).

Depreendemos que o Governador procura incitar os cidadãos a uma ação, atribuindo-se, pois, um *ethos* de certa “autoridade”, já que, como mesmo diz, recomenda, aconselha (ou seja, detém certo domínio para fazê-lo) alguém a algo.

Em outro momento do discurso, Doria expressa:

Não deem atenção a informações não oficiais e que não venham do Ministério da Saúde do Governo do Brasil, que não venham do Governo do Estado de São Paulo, e prioritariamente, destas duas fontes e das fontes que são os meios de comunicação. (DORIA, 2020)

Outra construção interessante é, assim, a de uma “aproximação” com a imprensa, que seria, pois, a fonte (em seu discurso) confiável das informações. Nesse sentido, procura congrega a imprensa em seu discurso, projetando de si – positivamente – a imagem de alguém que apoia e confia nos dados por ela disseminados, com vistas a uma divulgação, pelos veículos midiáticos, favorável à sua imagem/aos seus atos.

Nota-se, então, que o discurso de Doria vai se moldando aos diversos TUD’s: a

¹⁰ A captação está relacionada com a necessidade do sujeito de assegurar-se de que seu parceiro na troca comunicativa compartilha de suas crenças. (CHARAUDEAU, 2008)

iniciativa privada, a imprensa, a população paulista. Sobre o TUD, Charaudeau (2009) elucida que o EUc tenta fabricar uma imagem de sujeito destinatário (TUD) que ele acredita ser coincidente com a do sujeito interpretante (TUi). Desse modo, as estratégias de captação vão sendo delineadas pelo EUe com vistas a assegurar e influenciar o interesse do interlocutor por aquilo que diz. É importante dizer que o EUe, então, busca conquistar a atenção do TUD considerando as crenças socialmente compartilhadas, constituídas, pois, por um saber em torno de valores estimados coletivamente, que têm reflexo na projeção dos vários *ethé* pelo enunciador.

Mais um *ethos* que pudemos identificar no discurso de Doria foi o de "chefe". Precisamente no âmbito do discurso político, Charaudeau (2008, p. 153) esclarece que esse *ethos* evoca a relação do político com o povo, de modo que, então, "o político deve sua posição ao povo e a ele deve prestar contas" (CHARAUDEAU, 2008, p. 153). Assim, é que o político busca mostrar prestar contas sobre sua atuação. O trecho em que observamos esse *ethos* é:

Quero também informar que amanhã às nove horas da manhã os governadores dos Estados do Sudeste, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo estarão em reunião virtual com o presidente Jair Bolsonaro e os seus ministros. [...] (DORIA, 2020).

Nesse trecho da fala de Doria, o político busca fazer transparecer um alinhamento de suas ações com as de governadores de outros Estados e do Presidente da República para a proposição de soluções que atendam aos interesses dos cidadãos e da iniciativa privada. Mostrar esse alinhamento pode suscitar a construção de uma imagem positiva de político que dialoga (e seria, pois, bem-relacionado) com seus pares perante a seu(s) TUD(s).

É possível dizermos que o EUe constrói, ademais, uma figura de chefe-soberano. Segundo Charaudeau (2008, p. 157), o *ethos* de chefe-soberano pode evocar para o político, por um lado, uma imagem que lhe possibilita assumir uma posição de fiador dos valores até o ponto de confundir-se com eles e, por outro lado, a de um político que mostra que está acima

de conflitos oriundos da instância adversária. No caso desse discurso que analisamos, o EUE João Doria exalta a importância da comunicação entre os Governadores dos Estados do Sudeste com o Presidente da República e os seus ministros, construindo-se uma figura que mantém bom relacionamento, inclusive, com supostos adversários: à época do discurso, a imprensa muito abordou discordâncias entre posicionamentos de Doria e de Bolsonaro. A reunião aqui mencionada pelo governador, aliás, seria a primeira entre ele e o presidente, após quinze meses de mandato. Ao dizer, já na sequência, que "Este é o melhor caminho para o Brasil, é nós estarmos unidos, dialogando e construindo soluções positivas para salvar vidas, proteger pessoas e proteger também a nossa economia" (DORIA, 2020), o governador busca instaurar uma imagem de certo alinhamento junto ao Governo Federal (e junto a quem, logo, busca construir uma imagem favorável).

Focalizando agora no pronunciamento de Jair Bolsonaro, foi possível observarmos a construção de uma imagem de aproximação entre o Presidente, sua equipe e a população brasileira, dado o emprego da primeira pessoa do plural, "nós", em vários trechos do discurso de Bolsonaro. Assim, podemos elencar o emprego dessa forma em: "Estamos juntos, cada vez mais unidos, Deus abençoe nossa Pátria querida." (BOLSONARO, 2020). Em nosso entendimento, Bolsonaro busca manter uma já instaurada tentativa de *aproximação* junto aos cidadãos. Ao utilizar a primeira pessoa do plural, o enunciador inclui o interlocutor em seu dizer (comportamento alocutivo), de modo a dar a entender que enfrentam a mesma situação. Esse emprego do "nós" configura uma estratégia de captação em que se busca mostrar um compartilhamento com a população sobre o que seria de "posse" de todos. Além disso, cabe ressaltar que o "nós", em língua portuguesa, pode ter valor semântico inclusivo ou exclusivo. Dessa forma, ao mesmo tempo que Bolsonaro constrói um grupo, automaticamente exclui desse grupo aqueles que seriam (depreendemos) opositores a seu governo.

Um ponto que merece destaque nesses termos elencados diz respeito ao emprego do adjetivo "querido" (e variações), expressão empregada a quem ou ao que se estima. Assim, o

ethos de um político “afeiçoado” é projetado. É interessante observar como ele se direciona, por meio de vocativos, a grupos diferentes para compor seu TUd. Ele emprega “irmãos” (quando se refere aos brasileiros que estavam na China), e "nosso governo", "nossa pátria" quando quer aproximar o Estado do povo brasileiro.

Outro *ethos* mobilizado por Bolsonaro é o de “credibilidade”. Ao fazer menção ao Ministro da Saúde, Henrique Mandetta – Bolsonaro emprega “doutor” para se referir ao médico, com vistas a conferir, a nosso ver, autoridade (de um médico) e (por conseguinte) confiabilidade à figura desse ministro –, o presidente busca mostrar que de seu governo faz parte alguém que detém um *saber fazer* no combate a uma situação de saúde pública, como a da COVID-19. Nas palavras do Presidente:

Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído. E, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. (BOLSONARO, 2020).

Há que se ressaltar, também, que, no trecho analisado, há a centralização do discurso na defesa de uma eficiência da gestão estratégica do então Ministro da Saúde, juntamente com os Secretários de Saúde dos estados, para atuar durante a pandemia. Bolsonaro, assim, destaca o desempenho de Henrique Mandetta, mencionando o Sistema Único de Saúde – SUS –, de modo a agregar para si o *ethos* de um governo bem-preparado.

Ao anunciar que "o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos" (BOLSONARO, 2020), o presidente mostra seu ponto de vista alinhado com argumentos que almejam convencer de que era necessário retomar as atividades, de modo a atender às demandas econômicas do país. O EUE se utiliza de argumentos relacionados à questão do desemprego, colocando essa questão no mesmo patamar da preservação da vida. Assim, o Presidente defende sua – criticada por alguns

setores – forma de agir: contrariando “tudo e todos”, essa seria a ação adequada em benefício de um coletivo maior.

Em resposta a possíveis críticas que já previa de seu TUd, Bolsonaro enuncia, logo, que, mesmo sem ter apoio, agiu seguindo um determinado planejamento, uma determinada estratégia. O EUe tenta criar uma imagem favorável de si e do seu governo. Bolsonaro, assim, projeta o *ethos* de herói, que, de acordo com Campbell (2007, p. 20), diz respeito à imagem de alguém, no meio político, que viria a atender a um clamor do grupo, este visto, pois, como incapaz de resolver seus problemas. Outro *ethos* que podemos apontar é o de salvador. Segundo Cavalcante (2009, p. 10), o salvador é aquele capaz de reverter a situação vigente, tida como má, e instaurar uma nova era de paz e prosperidade.

O *ethos* de "competente" é delineado pelo Presidente quando enfatiza: "começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil." (BOLSONARO, 2020). Ao manifestar que já era conhecida (portanto, o governo federal estava preparado para enfrentá-la, depreende-se) a chegada do vírus ao país, Bolsonaro expõe-se como competente e hábil para tomar medidas para minimizar as possíveis consequências da COVID-19 no país.

Outro *ethos* que identificamos no discurso de Bolsonaro foi o de "pessoa religiosa". O Presidente expõe a sua crença para com o sagrado quando explicita: “Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença.”; “[...] Deus abençoe nossa Pátria querida.” Assim, inclusive, sobrepõe a fé à ciência, em referência, também, a determinados valores que estão na base de seu projeto político – como o mencionado em seu *slogan* durante a campanha presidencial em 2018: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". Os valores religiosos demonstrados convergem com os estimados pela população brasileira, o que concorre para uma aproximação com os cidadãos religiosos – seu TUd, nesse caso –, em reforço, pois, a um *ethos* prévio de si.

Ainda de acordo com Charaudeau (2008, p. 138), o *ethos* de "potência" é representado

pela figura de virilidade sexual, que não se encontra de modo explícito em um discurso, mas é construída a partir de um contexto cultural, como resultado de êxito pessoal da figura do orador. A imagem de “potência” está atrelada, assim, à de um vitorioso. Esse *ethos* pode ser verificado por meio da força física, da realização de proezas físicas pessoais, sendo, pois, evidenciado no trecho seguinte: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar...” (BOLSONARO, 2020). Assim, sua condição física é usada como um argumento na busca da construção de uma imagem de alguém imunizado ou que sofreria consequências mínimas dos efeitos colaterais da COVID-19.

Mais um *ethos* mobilizado pelo presidente é o de "humanidade", evidenciado quando Bolsonaro busca exaltar respeito, reconhecimento e valorização dos profissionais de saúde: “Aproveito para render as minhas homenagens a todos os profissionais de saúde: médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores, que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam.” (BOLSONARO, 2020). Segundo Charaudeau (2008, p. 148), esse *ethos* constitui um imaginário importante para a imagem do político, pois o "ser humano" é mensurado pela capacidade de expor sentimentos. Essa figura do sentimento deve transparecer em diversas ocasiões, como em visitas aos desprovidos ou às pessoas que sofrem e em situações dramáticas (catástrofes naturais, acidentes, etc.), ocasiões em que os políticos dirigem palavras de compaixão, manifestando afeição e prometendo ajuda. Assim sendo, como alega Charaudeau (2008, p. 148), às vezes, a expressão de sentimentos e a visão política se juntam, sendo o ato político mobilizado, nesse trecho, para enobrecer os profissionais de saúde que se sacrificam para tratar os infectados pela COVID-19.

Notamos, no seguinte fragmento “o FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento da COVID-19” (BOLSONARO, 2020), que o EUE utiliza-se da crença que as instituições americanas estão preparadas para fornecer um tratamento de qualidade para combater a COVID-19 e que seus

presidentes, Bolsonaro e Trump, acreditam na eficiência da cloroquina, remédio fabricado no Brasil, mas que não teve comprovação sobre seus efeitos positivos no tratamento do coronavírus. Assim, o EUE tenta se mostrar digno de crédito ao se referir a instituições privadas, americana e brasileira, no intento de legitimar um ponto de vista defendido.

Contrapondo, agora, algumas informações observadas em ambos os discursos, é importante salientar a diferença das nomenclaturas empregadas por Doria e por Bolsonaro para se referir à COVID-19. O primeiro utiliza, predominantemente, a palavra “crise”, que, em sua etimologia, trata-se, em medicina, de “o momento que define a evolução de uma doença para a cura ou para a morte” (MARINHEIRO, 2010, n.p.) e, em economia, de “fase de transição entre um surto de prosperidade e outro de depressão, ou vice-versa”.

Isso quer dizer que a palavra “crise” pode ser considerada em uma acepção negativa e/ou positiva: ora pode ter uma relação com algo indesejado, que causa medo (pois pode significar mais do que um momento ruim), ora pode sinalizar um ponto de oportunidades de êxito em dada situação. Segundo a definição do dicionário Aurélio (2001, p. 194), “crise” é em medicina, manifestação súbita de doença física ou mental, e também é considerada como uma “fase difícil, grave, na evolução das coisas”. Nesse sentido, ao que nos parece, Doria intenta direcionar seu discurso de modo a mostrar que o planejamento, a prevenção e a atenção – de seu governo – seriam as estratégias para se passar pela COVID-19 com o mínimo de danos. O segundo, por sua vez, usa os termos: “gripezinha”, “resfriadinho”, pela semelhança de alguns dos sintomas dessas doenças com os da COVID-19; “coronavírus” e “COVID-19”, para diferenciar esta das demais doenças; e “doença”, por ser o significado de CORONA VIRUS DISEASE (Doença do Coronavírus). O EUE utiliza da estratégia de captação ao considerar que suas ideias e suas opiniões são compartilhadas pelo TUd. Logo, ao utilizar de palavras no diminutivo, tem-se a impressão de que o enunciador lança mão de uma estratégia de captação para reduzir a gravidade da doença, colocando-a no mesmo patamar de outras doenças virais não são tão nocivas.

Considerações Finais

O presente artigo objetivou analisar, a partir da Teoria Semiolinguística do Discurso, as estratégias discursivas e os *ethé* construídos por dois políticos brasileiros, João Doria e Jair Bolsonaro, em discursos oficiais cujo tema tratado foi a COVID-19.

Por meio da análise empreendida, que abarcou também a comparação entre ambos discursos, utilizamos o Diagrama de *Venn*¹¹ para identificar, graficamente, os *ethé*, conforme abaixo relacionados:

Figura 1 – Ethé construídos pelos governantes



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dessa maneira, evidenciamos uma convergência em relação a determinadas imagens construídas. Logo, nossa hipótese inicial de que haveria certo distanciamento entre as posições discursivas de Doria e de Bolsonaro foi refutada.

Sobre tal convergência, cumpre-nos destacar que, embora haja uma confluência de *ethé*, suas projeções estão pautadas em modos de dizer e em atitudes enunciativas diferentes

¹¹ Os Diagramas de Venn consistem em círculos que representam os conjuntos designados pelos dois termos de uma proposição, demonstrando uma intersecção de determinadas imagens. Vindo da matemática, representa graficamente elementos em comum de dois conjuntos (DIAS, Carlos Magno Corrêa. Silogística uma introdução à lógica dos enunciados categóricos. *Revista Acadêmica*. Curitiba, v. 6, n. 11, p. 33-44, mar. 1995. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/425/1/REV.%20ACAD._Dias,%20Carlos%20Magno%20Corr%C3%AAa_1995.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

dos enunciadores políticos, já que um maximiza a questão da doença (Dória) e o outro a minimiza (Bolsonaro).

Vale ressaltar que João Doria busca construir-se como referência em gestão utilizando os *ethé* de “rigoroso”, ao mostrar escolher uma equipe com habilidade para a execução de ações, de “autoridade”, ao incitar os cidadãos a uma ação, de “confiável”, ao sinalizar respaldar suas ações/seus discursos em fontes seguras, e de “chefe-soberano”, ao exaltar a importância da comunicação entre os Governadores com o Presidente da República.

No tocante aos *ethé* mobilizados por Jair Bolsonaro, há a exaltação de certos valores apreciados pela população, como os de “herói” e “salvador”: Bolsonaro tentar projetar uma imagem favorável de si e do seu governo, ao construir-se capaz de reverter uma situação vigente, e de “potência”, ao utilizar da condição física na construção do *ethos* de alguém imune aos efeitos colaterais da COVID-19. Além disso, podemos apontar a mobilização de componentes patêmicos, como a “fé” e a “humanidade”, quando diz que “Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença” (BOLSONARO, 2020) e quando demonstra exaltar respeito, reconhecimento e valorização dos profissionais de saúde.

Em outras palavras, no tocante a determinados *ethé* delineados, Doria busca se construir como um exemplo de gestor – considerando as imagens associadas a este, conforme nossos saberes compartilhados. Bolsonaro, por sua vez, projeta-se por meio de atributos sociais, em seu entender, estimados pelo seu TUd. É possível dizermos que se trata de imagens que mais intentam acionar uma exaltação de certos valores apreciados pela população brasileira que destacar a habilidade de gestão.

Há que pontuarmos, por outro lado, que as estratégias discursivas utilizadas pelos dois políticos intentam alcançar como TUd não apenas a população, mas também a imprensa e a iniciativa privada – notadamente direcionada a esta última, há a mobilização de um *ethos* de competência nas estratégias administrativas.

Assim sendo, mesmo com suas particularidades, os discursos dos políticos configuram-se não como antagônicos, mas como bem próximos no tocante a formas de se mostrarem dignos de crédito, sobretudo (entendemos) no tocante a medidas para enfrentamento das consequências da COVID 19 junto a seus TUD's.

Cumpre-nos pontuar que se vislumbram, a partir deste estudo, algumas necessidades e perspectivas que se revelaram interessantes para uma análise mais detalhada dos *éthe* dos governantes a serem estudados em outros gêneros discursivos. Ademais, em uma análise posterior, pode-se também averiguar se, em outra situação social, como os *éthe* dos políticos em questão seriam estabelecidos frente ao seus TUD idealizados. Assim, entende-se que outras pesquisas seriam bastante pertinentes ao que já se iniciou por meio desta investigação proposta.

Governmental speeches to face the coronavirus: an analysis of the *éthe* of João Doria and Jair Bolsonaro

Abstract: In the current coronavirus pandemic scenario, world leaders are speaking to present the social and economic measures taken in order to cope with the consequences of the disease. Taking this aspect into consideration, this article main aim is to analyze the ethos built by two Brazilian politicians – João Doria and Jair Bolsonaro – in their official speeches about the COVID-19. For the analysis, two speeches were selected, as they were held on the same day by the two leaders. It was assumed that the ethos built by these politicians would present a divergent position already demarcated by some groups of the Brazilian media. Our theoretical contribution looked at the studies of Charaudeau (2008), according to which the subjects, by interacting in the various language acts, establish certain images of themselves, based on the images they attribute to their recipients. The ethos studies proposed by Amossy (2018) were also used in this article, for whom the speaker

mobilizes images of himself in his speech to authenticate the argument presented. From the data analysis, it was possible to show how Doria and Bolsonaro outlined the images of: legitimacy, credibility, competence and other images. Our research hypothesis has been refuted, since we have shown a convergence in the ethos established and also in the discursive strategies used.

Keywords: Political discourse. Coronavirus. Ethos.

Referências Bibliográficas

AMOSSY, RUTH. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

AURÉLIO, BUARQUE DE HOLANDA. **Míni Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro, 2001. p.194.

CAMPBELL, JOSEPH. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CAVALCANTE, MARCELO CESAR ET AL. **Esperança e medo: o movimento das paixões no discurso político**. 2009. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo/SP, 2009.

CHARAUDEAU, PATRICK. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, PATRICK. **Pathos e discurso político**. In: MACHADO, I. L., MENEZES, W.; MENDES, E. (Org.). *As Emoções no Discurso*. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 240-251.

CHARAUDEAU, PATRICK. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, PATRICK. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo:

Gláuks: Revista de Letras e Artes– jan/jun. 2021 – Vol. 21, Nº 1

Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, PATRICK. **O discurso propagandista: uma tipologia.** MACHADO, Ida Lucia & MELLO, Renato. *Análises do Discurso Hoje*, v. 3, p. 57-78, 2010a. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/O-discurso-propagandista-uma.html>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

CHARAUDEAU, PATRICK. **Una problemática comunicacional de los géneros discursivos.** *Revista signos*, v. 43, p. 77-90, 2010b.

COLETIVA DE IMPRENSA: **Coronavírus - Novas medidas do Governo de São Paulo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IKtxD22ulPU&t=930s>> Acesso em: 11 jul. 2020.

COUTINHO, PATRÍCIA RIBEIRO DO VALLE. **Cognição e Prosódia: o embate pela palavra na coletiva de imprensa.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFJF: Juiz de Fora/MG.

DIAS, CARLOS MAGNO CORRÊA. **Silogística uma introdução à lógica dos enunciados categóricos.** *Revista Acadêmica*. Curitiba, v. 6, n. 11, p. 33-44, mar. 1995. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/425/1/REV.%20ACAD._Dias,%20Carlos%20Magno%20Corr%C3%AAa_1995.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

Dobradinha 'Bolsodoria' impulsiona vitória de tucano no governo de SP. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/dobradinha-bolsodoria-impulsiona-vitoria-de-tucano-no-governo-de-sp.shtml>> Acesso em: 01 nov. 2020.

GIL, ANTÔNIO CARLOS ET AL. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, ANTÔNIO CARLOS. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

LEAL, PLÍNIO MARCOS VOLPONI. **Análise de Enquadramento em Discurso ou Pronunciamento Oficial: perspectivas teórico-metodológicas.** In: *Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Uberlândia: INTERCOM. 2015. p. 1-15.

MACHADO, IDA LUCIA. **A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. Bakhtiniana:** *Revista de Estudos do Discurso*, v. 9, n. 1, p. 108-128, 2014.

MAINGUENEAU, DOMINIQUE. **A propósito do ethos.** In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo.* São Paulo: Contexto, 2008, p. 13-19.

MARCONI, MARINA DE ANDRADE; LAKATOS, EVA MARIA. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MARINHEIRO, CARLOS. **A etimologia da palavra crise.** *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, Lisboa, [n/p], v. 12, 2010. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-da-palavra-crise/28974>. Acesso em: 23 jul. 2020.

MINAYO, MC DE S. **O desafio da pesquisa social.** In: MINAYO, MC de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, v. 30, p. 9-29, 2007.

PASSADORI, REINALDO; ASSAD, NANCY ALBERTO. **Media training: como construir uma comunicação eficaz com a imprensa e a sociedade.** São Paulo: Editora Gente, 2009.

Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE Acesso em: 11 jul. 2020.

REIS, ANA CAROLINA GONÇALVES. **Imagens e Imaginários da profissão de secretariado na revista Excelência.** 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). UFMG: Belo Horizonte/MG.